

**ENTRE A LINGUÍSTICA E A FILOSOFIA: TRÊS OU QUATRO CONSIDERAÇÕES
SOBRE A POLIFONIA EM NIETZSCHE**

Entre Linguistique et Philosophie: trois ou quatre Considérations sur la Polyphonie chez
Nietzsche

*Isadora Machado*¹

Schopenhauer, Kant, Nietzsche, naturally, I read all of those. I don't respect them. I am just trying to remember some of those whose theories I soaked up in those years. (...) I don't respect them because it seems to me that most of their time was spent arguing about things that are not really important. (...)

Autobiography, Malcolm X.

Mal com os Filósofos por mor da Linguística, mal com os Linguistas por mor da Filosofia.

Epistemologia do sentido, Fernando Belo.

Vitória (ES), vol. 4, n.1
Janeiro/Junho 2015

SOFIA
Versão eletrônica

¹ Doutora em Linguística pela Unicamp. O texto ora apresentado é uma versão modificada do capítulo “A linguagem como excesso: Nietzsche entre a polifonia e o silêncio”, de minha tese de doutorado, intitulada *Nietzsche, o destino singular da linguagem*, que em breve será disponibilizada na biblioteca digital da Unicamp. E-mail: isadoralmachado@hotmail.com

Resumo: A partir da perspectiva da Semântica da Enunciação, reflete-se sobre a questão da polifonia em Nietzsche. Em uma breve análise linguística, caracteriza-se a cena enunciativa do texto nietzscheano a partir das figuras dos locutores e dos alocutários. Argumenta-se que o modo como Nietzsche trabalha a polifonia de seu dizer permite que sua filosofia seja entendida como uma filosofia do futuro. Segundo Nietzsche, todos estão presos nas teias da gramática, mas somente por meio da força plástica da linguagem será possível uma nova maneira de pensar e de sentir.

Palavras-chave: Nietzsche; Enunciação; Polifonia.

Résumé: Du point de vue de la sémantique de l'énonciation, on reflète sur la question de la polyphonie chez Nietzsche. Dans une brève analyse linguistique, la scène énonciative du texte nietzschéen est caractérisée à partir des figures du locuteur et du allocuteur. Il est soutenu que la façon dont Nietzsche met en jeu la polyphonie est ce qui permet la défense d'une philosophie de l'avenir. Selon Nietzsche, tous sont pris dans les toiles de la grammaire, mais seulement à travers de la force plastique du langage sera possible une nouvelle façon de penser et de sentir.

Mots-Clés: Nietzsche; Énonciation; Polyphonie.

I

A Semântica da Enunciação teorizada e trabalhada por Eduardo Guimarães se constitui como uma perspectiva materialista da linguagem – a possibilidade de que a linguagem seja pensada fora da metafísica². Enquanto semanticista, o interesse de Guimarães se volta para a relação das palavras com o mundo, relação esta que, a partir dos estudos argumentativos, é colocada pela negação do referencialismo, em favor de compreender o sentido fora da subordinação ao conceito de verdade.

A perspectiva materialista, a partir disso, leva em conta que a relação da linguagem com o real é histórica, e, portanto, não é transparente: e impossível atravessar a linguagem para atingir a “coisa”, o mundo. Consideramos que essa perspectiva (a materialista) se relaciona com a filosofia nietzscheana no que tange à negação do referencialismo em linguagem e que essa semelhança é bastante produtiva em termos analíticos.

Enquanto semanticista, Guimarães se coloca dentre aqueles que consideram que *a linguagem fala de algo*. É fundamental que isso seja significado ao lado do que se torna incontornável: aquilo que se diz é construído na linguagem. A *referência*, nesse quadro teórico, passa a ser a particularização de algo na e pela enunciação³. Essa ideia do que seja a referência será bastante profícua para a análise da polifonia em Nietzsche, principalmente

² Com isso quero apenas dizer que a perspectiva metafísica em linguagem é aquela que não considera as determinações históricas do processo de produção do sentido, e que toma o sentido das palavras como transparentes, ou seja, como passíveis de atravessamento para que sejam encontrados os sentidos e as coisas por detrás das palavras.

³ GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*, p. 9.

quando pensarmos no Alocutário⁴ que Nietzsche constrói para fazer funcionar sua enunciação – um Alocutário que ainda não existe por completo, mas cuja possibilidade de existência começa a se desenhar a partir do acontecimento enunciativo instaurado pelo filósofo bailarino.

O movimento de construção do referente (o leitor), que se dá *na* linguagem e não antes dela, é algo importante na filosofia nietzscheana, no sentido de que a criação desse *novo leitor* possibilita a própria constituição de Nietzsche como autor – um psicólogo, um médico da cultura, o discípulo do filósofo Dionísio, o filósofo do futuro. A prosa nietzscheana guarda ainda outras particularidades propiciadas pela constituição polifônica de sua enunciação, e serão exploradas no decorrer deste artigo. Para demonstrar essas afirmações, é necessário dar um passo rumo à compreensão do que seja a polifonia dentro do quadro teórico da Semântica da Enunciação.

II

A Semântica da Enunciação, tal como teorizada por Guimarães, é uma abordagem do sentido que traz para si o retórico, aquilo que é da ordem da argumentação, produzindo-se como uma *semântica histórica* (histórica, e não diacrônica), em uma relação fundamental com a Análise de Discurso (AD). A partir da relação com a AD, leva em conta a questão da *representação do sujeito na constituição do sentido* e assim o problema do sentido passa a incluir o problema *da representação do sujeito da enunciação*⁵. É justamente nesse ponto que incidirá o conceito de polifonia, levando-nos a pensar a representação de Nietzsche e de suas perspectivas na enunciação de sua filosofia.

Guimarães desloca o conceito de Émile Benveniste sobre a enunciação, qual seja, a *apropriação da língua pelo sujeito que assim pode dizer o que tem a dizer*⁶. Esse deslocamento passa então a considerar a enunciação *como o evento histórico de aparecimento de um enunciado*⁷, para tomá-la como independente do sujeito, já que este se representa de diferentes modos. Chega-se, dessa maneira, à enunciação definida como “acontecimento de linguagem perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento”⁸.

⁴ Conceituaremos o que seja o Alocutário mais à frente.

⁵ GUIMARÃES, Eduardo, *Texto e Argumentação*, p. 12.

⁶ Ibid.

⁷ DUCROT, Oswald, “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”; e GUIMARÃES, Eduardo, *Texto e Argumentação*.

⁸ GUIMARÃES, Eduardo, *Texto e Enunciação*, p. 67.

“Algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem”⁹. Sendo assim, tomar a enunciação como acontecimento de linguagem é considerar que ela não é *um fato no tempo*, “o que a caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza”¹⁰. É fundamental ainda destacar que essa temporalização promovida pelo acontecimento é *perpassada pelo interdiscurso*. O interdiscurso, retomado aqui como *memória do dizer*¹¹, atravessa a enunciação e é parte constitutiva dos sentidos do enunciado. O enunciado, por sua vez, é a unidade do discurso¹² e corresponde a um recorte enunciativo¹³.

Assim definidos enunciação e enunciado, perpassados pelas noções de interdiscurso e acontecimento, para chegar às considerações sobre a polifonia em Nietzsche, é ainda fundamental considerar que “no próprio enunciado se representa a cisão fundamental do sujeito”¹⁴. A unidade do enunciado e do texto, considerada como “efeito ideológico da posição de autor”¹⁵, foi questionada por Nietzsche e tomada, fazendo uma relação anacrônica, como efeito da categoria gramatical de sujeito: “o que me dá o direito de falar de um Eu, e até mesmo de um Eu como causa, e por fim de um Eu como causa de pensamentos?”¹⁶.

Essa unidade imaginária do sujeito é desconstruída na Semântica da Enunciação por meio do conceito de polifonia¹⁷. A partir dele, considera-se que em um mesmo enunciado podem coexistir diferentes posições-sujeito, que se representam de modo heterogêneo – “os recortes enunciativos são sempre polifônicos”¹⁸. É por meio da “incorporação do conceito de Polifonia constituído por Bakhtine que a semântica da enunciação considera as diversas representações do sujeito da enunciação no enunciado”¹⁹.

Se encararmos a polifonia como uma regularidade, no sentido de que a enunciação sempre se constitui polifonicamente, podemos dizer que também a enunciação nietzscheana é

⁹ GUIMARÃES, Eduardo, *Semântica do Acontecimento*, p. 11.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ O interdiscurso, segundo ORLANDI, *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, p. 31, “é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Cf também ORLANDI, *Terra à vista* e PÉCHEUX, *Semântica e Discurso*.

¹² GUIMARÃES, Eduardo *Texto e argumentação*, p. 13.

¹³ “O recorte é uma unidade discursiva”. A unidade discursiva são “fragmentos correlacionados de linguagem e situação”. O recorte é assim um fragmento da situação discursiva. Essas definições estão em ORLANDI, “Segmentar ou recortar” e foram retomadas em GUIMARÃES, Eduardo, *Texto e argumentação*, p. 13.

¹⁴ GUIMARÃES, Eduardo, *Texto e Argumentação*, p. 19.

¹⁵ *Id.*, p. 14.

¹⁶ NIETZSCHE, F, *Além de bem e mal*, § 16.

¹⁷ Para um histórico desse conceito, ver, por exemplo, GUIMARÃES, Eduardo, *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*.

¹⁸ GUIMARÃES, Eduardo, *Texto e Argumentação*, p. 19.

¹⁹ *Id.*, p. 21.

polifônica. Nossa empreitada é então compreender o modo particular como a polifonia funciona em Nietzsche, demonstrando que essa maneira particular de fazer trabalhar a polifonia guarda relações estreitas com as concepções de linguagem desenvolvidas por Nietzsche ao longo de sua obra.

Vale lembrar que analisar as especificidades do funcionamento polifônico não é dizer que o sujeito tem consciência desse processo, e que foge ao agenciamento político da linguagem²⁰. Trata-se, na contramão disso, de demonstrar que o desenvolvimento da filosofia de Nietzsche, travando uma intensa crítica à linguagem, foi sustentado linguisticamente por uma organização polifônica particular de seu discurso filosófico.

A análise da polifonia leva em conta, fundamentalmente, quatro figuras (personagens) da enunciação, organizadas nos pares *locutor/alocutário* e *enunciador/destinatário*.²¹ A cena enunciativa²² se constitui por essas figuras, que se multiplicam. Para tratar disso, devemos “considerar que assumir a palavra é por-se no lugar que enuncia”²³. Sendo assim, Guimarães chama de Locutor (com maiúscula), “L”, “o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer”²⁴, o que faz com que o L represente também “o tempo do dizer como contemporâneo deste mesmo L, e assim representa o dizer como o que está no presente constituído por este L”²⁵.

O Locutor, representado com origem do dizer, em sua própria representação se divide porque é afetado “pelos lugares sociais autorizados a falar, e de que modo, e em que língua (enquanto falantes). Ou seja, para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor”²⁶. Enquanto lugar social, o locutor é representado como locutor-x, ou lx (locutor-psicólogo, locutor-discípulo do

²⁰ “A noção de agenciamento da enunciação está aqui a partir do que Deleuze e Guattari (1980) colocam em *Mille Plateaux*, ao caracterizarem a enunciação a partir da conceituação que Ducrot (1972) faz dos atos ilocucionais. “A diferença é que para mim este agenciamento é político. Ou seja, não é que ele é coletivo, como um “acordo” de um grupo. Ele é, para mim, afetado politicamente por se dar segundo os espaços de enunciação” (GUIMARÃES, Eduardo, *Semântica do Acontecimento*, p. 22-23).

²¹ As definições desses conceitos se apresentam em muitos momentos da obra de Guimarães. Ver, por exemplo, GUIMARÃES, Eduardo, *Semântica do Acontecimento*, capítulo I, e do mesmo autor *Texto e Argumentação*, capítulo II, bem como *Os limites do sentido*.

²² “Uma cena enunciativa se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas. (...) A cena enunciativa é assim um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento. Os lugares enunciativos são configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa “aquele que fala” e “aquele para quem se fala não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer. Assim estudá-la é necessariamente considerar o próprio modo de constituição destes lugares pelo funcionamento da língua” (GUIMARÃES, Eduardo, *Semântica da Enunciação*, p. 23).

²³ *Ibid.*

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Id.*, p. 23-24.

²⁶ *Id.*, p. 24.

filósofo Dionísio etc). Instaura-se assim uma disparidade, constitutiva do Locutor e do locutor-x, que é a disparidade entre “o presente do Locutor e a temporalidade do acontecimento”²⁷.

A cisão fundamental efetuada pela polifonia se completa com a consideração de que o Locutor, enquanto origem do dizer afetado por seu lugar social, enuncia a partir de um *lugar de dizer*. Eis o enunciador²⁸, compreendido como a *perspectiva* enunciativa. Vale retomar a definição que Zoppi-Fontana formula, qual seja, a de que a perspectiva é “o lugar de subjetivação do real, como “mise en rapport” do real com o sujeito”²⁹. Assim é possível considerar o enunciador, enquanto *lugar de dizer*, como afetado pela história.

Por meio dessa compreensão do que seja a perspectiva, também é possível encarar a ideia de perspectivismo em Nietzsche fora do relativismo absoluto – a partir da ilusão de si como origem, afetado pelo lugar social que construímos para enunciar, enunciamos sempre a partir de uma perspectiva, e por meio dela dizemos o mundo e o significamos. As perspectivas, entretanto, não são equivalentes. Guimarães³⁰ descreve, do ponto de vista enunciativo, quatro enunciadores, a saber: o *enunciador-individual*, que evidencia sua enunciação como diferente das outras, colocando-se independente da história³¹; o *enunciador-universal*, que é aquele que significa o Locutor como fora da História, baixo o regime do verdadeiro e do falso; o *enunciador-genérico*, aquele que se significa apagando o próprio lugar social que o afeta, e assim transformando-se em “aquilo que todos dizem”; e, por fim, o *enunciador-coletivo*, que se representa como a voz de um conjunto, unificando-a³². Passemos, finalmente, às considerações a respeito do funcionamento polifônico da enunciação nietzscheana.

²⁷ “Tomemos um exemplo inicial. Se o presidente da República, ou um Governador de Estado *Decreta X*, ele o faz não porque alguém diz a si ser a origem do que *Decreta*, mas porque enquanto Presidente (falante de português) ele pode se dar como origem daquilo que *Decreta*, ou melhor, do próprio ato de decretar. O que significa dizer que assumir a palavra para decretar só é possível na medida em que o Locutor, que se dá como origem do decreto, só o é enquanto constituído como um lugar social de locutor, ou seja, o locutor-presidente que fala em Língua Portuguesa. Em outras palavras, o Locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social.” (GUIMARÃES, Eduardo, *Semântica do Acontecimento*, p. 24).

²⁸ Id., p. 25.

²⁹ ZOPPI-FONTANA, “A arte de cair fora. O lugar do terceiro na enunciação”, p. 61.

³⁰ GUIMARÃES, Eduardo, *Semântica do Acontecimento*.

³¹ No caso de Nietzsche, veremos como esse enunciador-individual se individualiza justamente pelo contrário, ou seja, por se colocar na história da moral e da filosofia, e ao mesmo tempo se colocar fora do tempo.

³² Há também aqui uma especificidade em Nietzsche, pois ele cinde o enunciador-coletivo produzindo diferentes coletividades, existentes e a existir.

III

Ecce Homo é um observatório privilegiado para alguns funcionamentos enunciativos que se encontram ao longo da obra de Nietzsche. O título faz referência a uma passagem do evangelho de João (19:5): “apareceu então Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Pilatos disse: *Eis o homem!*”. *Eis o homem, Ecce Homo*. A partir disso, o efeito de sentido criado no título é o da transformação do sujeito em objeto: eis o homem, eis Nietzsche. Nesse caso, o Locutor, aquele que se representa como a origem do que é dito, é o próprio Nietzsche. Está dito “eis Nietzsche”, e não “eis a mim”, ou, no lugar de “mim”, algo que fosse *sui referencial*, que remetesse a si próprio. Por meio da transformação de si em objeto, tomando a si como a terceira pessoa (aquilo do qual se fala), é possível compreender um dos sentidos para a autogenealogia: transformar o *eu* em objeto, em detrimento de reivindicar o *eu*, aquele que seria a origem do dizer, como lugar do fundador.

Em *A gaia ciência*, no Prólogo (§ 2), é também esse movimento de negação da origem de si que comparece. Se acompanharmos o §1 deste prólogo, há a ocorrência de um enunciador individual, de um lugar de dizer individual, afetado pelo lugar social de escritor. O Locutor se dá a ver quando o título do livro é mencionado, “‘Gaia ciência’: ou seja, as saturnais de um espírito que pacientemente resistiu a uma longa, terrível pressão”, fazendo coincidir Locutor e autor, responsáveis pelo dizer. O lugar social deste Locutor é o de um locutor-escritor, que se representa a partir da metalinguagem presente no aforismo: “a vivência deste livro” e “todo este livro não é senão divertimento após demorada privação e impotência”.

Considerando que *Gaia ciência* é um termo reescrito por *deste livro e todo este livro*, podemos afirmar que é Nietzsche o Locutor, afetado pelo lugar social de escritor, lugar de dizer. O Locutor, enquanto origem do enunciado, afetado pelo locutor-escritor, enuncia a partir de uma perspectiva individual, ainda neste aforismo, diferenciando sua enunciação de todas as outras, e inclusive questionando a possibilidade de haver outro enunciador para essa questão, de estas palavras *poderem estar na boca de outros*: “quem poderia experimentar tudo isso como *eu fiz?*”. A perspectiva individual é marcada, nesse caso, pelo uso da primeira pessoa: “E quantas coisas não *deixei* para trás!”.

Em seguida, no § 2, o Locutor do § 1 se transmuta em objeto, *ele*, e muda seu lugar de dizer para locutor-psicólogo. Diz: “mas deixemos o Sr. Nietzsche de lado: que temos nós com o fato de o Sr. Nietzsche haver recuperado a saúde?”. Trata-se da mesma estratégia enunciativa do título de *Ecce Homo*: transformar aquilo que se representava como a origem

do dizer, em objeto, aquilo do que se fala. O exame consciencioso de si mesmo não é um movimento de interiorização. Pelo contrário, quando o Locutor, aquele a quem é imputado o dizer, constrói a si como objeto, há um movimento de dobra, por meio do qual o que seja interior e exterior se confunde. Negação do princípio da unicidade do sujeito, e conseqüente abertura do eu a possibilidades equívocas.

Ainda no § 2, o locutor-escritor passa a ser predicado como *psicólogo*: “Para **um psicólogo**, poucas questões são tão atraentes como a da relação entre filosofia e saúde, e no caso de ele próprio ficar doente, levará toda a sua curiosidade científica para a doença”. Essa predicação se dá por meio da contigüidade, entre Sr. Nietzsche e um psicólogo, articulando-se pela antonímia entre saúde e doença: “Sr. Nietzsche recuperou a saúde” e “No caso de o psicólogo (ele) ficar doente”.

O locutor-escritor fala a partir de um enunciador individual, mas é atravessado, mais à frente, por um enunciador-coletivo – “nós, filósofos”, o que produzirá uma relação interessante, bastante característica em Nietzsche, que é a de se significar de vários lugares sociais: falo enquanto escritor, e psicólogo, e filósofo, e discípulo do filósofo Dionísio, e médico, e fisiólogo. Giacoia Jr³³ identifica esses diferentes lugares sociais de modo bastante elucidativo:

Em primeiro lugar, trata-se de um filósofo, portanto de um homem do pensamento; além disso, também de um psicólogo, cuja curiosidade científica é mobilizada pela doença até sua máxima intensificação, no sentido de adquirir o esclarecimento, por experiência própria, sobre o que acontece ao pensamento sob a pressão da doença; e, por fim, temos, na pessoa dele, um paciente de epocais enfermidades.

E nisso interessa que não se trata de uma substituição: primeiro um depois outro, mas de que um significa na relação com o outro. Interessa também que, voltando a Nietzsche, ele não afirmou “nós, psicólogos” da mesma forma que afirma “nós, filósofos”, o que traz diferentes perspectivas para o problema da saúde e da doença: “nós, filósofos, ficando doentes, nos sujeitamos à doença de corpo e alma por algum tempo – como que fechamos os olhos para nós mesmos”. Dessa maneira, Nietzsche tira da isomorfia o que seja essa coletividade de filósofos, por meio da coexistência do enunciador individual – que se mostra em “quero dizer” e “eu espero” –, e do enunciador coletivo “nós, filósofos”, “aprendemos”.

³³ GIACOIA, Oswaldo Jr, *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*, p. 180.

Essa coexistência entre o enunciador individual e o coletivo produz um *nós* que não é nem *inclusivo*, nem *exclusivo*³⁴. Nietzsche, enquanto Locutor, fala a partir de vários lugares sociais, de modo que ele se inclui quando diz “nós, filósofos”, mas se priva dessa coletividade em outros momentos, porque ele pode ser filósofo, mas não apenas filósofo, e muito menos um filósofo como outros que também são filósofos. Ainda em *A gaia ciência*, no § 3, o “nós, filósofos” reaparece: “A nós, filósofos, não nos é dado distinguir entre corpo e alma, como faz o povo, e menos ainda diferenciar alma de espírito”. Em muitos momentos de sua obra, entretanto, Nietzsche afirma que a separação entre alma e corpo é característica do cristianismo, e que o cristianismo é *platonismo* para o povo. Dessa maneira, Platão, reconhecido como filósofo, distinguia alma e corpo. Esse “não nos é dado distinguir entre corpo e alma” eclipsa um *tu debes – não* devemos *distinguir alma e corpo, nós, filósofos*. O mesmo ocorre na continuação desse aforismo: “Viver – isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge; *não podemos agir de outro modo*”³⁵, em que está elíptica uma orientação: *viver* deve significar *transformar continuamente...*

Isso nos leva a pensar que o funcionamento do *nós* em Nietzsche é bastante particular. Por um lado, quando Nietzsche enuncia a partir da perspectiva coletiva, há essa espécie de imperatividade. Por outro, há o funcionamento de um *nós* em que Nietzsche não está incluído. Vejamos um exemplo.

Em *Aurora*, no § 3 do Prólogo, temos o “nós, filósofos modernos”. Tomemos um trecho mais longo do aforismo (em itálico, são marcações de Nietzsche, em negrito, minhas):

Desde sempre, desde que se usa palavra e persuasão nesta terra, a moral revelou-se a grande mestra da sedução – e no tocante a **nós, filósofos**, a autêntica *Circe dos filósofos*. A que se deve que, a partir de Platão, todos os arquitetos filosóficos da Europa tenham construído em vão? Que tudo o que eles próprios tinham séria e honestamente por *aere perennius* ameace desabar ou já se encontre em ruínas? Ah, como é falsa a resposta que ainda hoje se tem para essa pergunta, “porque todos eles negligenciaram o pressuposto, um exame do fundamento, uma crítica da razão inteira” – a fatídica resposta de Kant, que verdadeiramente não nos atraiu, a **nós, filósofos modernos**, para um terreno mais sólido e menos traiçoeiro!”

³⁴ A conceituação de *nós inclusivo* e *nós exclusivo* é de Benveniste (1966). O *nós inclusivo* é aquele que corresponde, na enunciação, ao *nós* que refere ao Locutor e ao Alocutário (eu, linguista, digo a uma plateia de linguistas ‘nós nesta sala’). O *nós exclusivo* é aquele que refere ao Locutor e a um ele/eles, excluindo o Alocutário.

³⁵ A marca em “não podemos” é de Nietzsche.

Nesse caso, teríamos o funcionamento de um *nós seletivo*³⁶, *privativo, não-inclusivo*. Podemos parafrasear esse “nós, filósofos modernos” como *Eu digo que todos dizem que o que construímos desde Platão foi em vão*. Se pudermos realizar essa paráfrase, então teríamos que “todos os filósofos modernos...” é enunciado a partir da perspectiva de um enunciador genérico, que é o enunciador que se significa apagando seu lugar social, e que assim se transforma em *aquilo que todos dizem*. O “eu”, entretanto, é dito do lugar de l-x, que, no caso da enunciação nietzscheana, é polissêmico (que é psicólogo, e médico da cultura, e discípulo do filósofo Dionísio etc). Podemos dizer então que o locutor-x “não se inclui na voz genérica do enunciador genérico”, ele está no “construímos” do enunciador genérico, ou seja, “ele é incluído pela voz da qual o l-x se distancia quando fala da voz do enunciador individual”³⁷.

Esse funcionamento aparece em outros momentos. Como vimos anteriormente, Nietzsche fala também a partir do lugar social de filósofo. Ainda em *Aurora*, no § 3 do Prólogo, diz Nietzsche que “todos os filósofos construíram sob a sedução da moral”. Se *todos os filósofos* construíram sob essa sedução da moral, então Nietzsche, como filósofo, também o teria feito, não fosse o funcionamento desse nós seletivo, não-inclusivo, privativo, forclusivo. Tanto não se “inclui na voz genérica do enunciador genérico” que, em seguida, o enunciador coletivo passa a se representar como o contrário disso: “nós, imoralistas, nós ateus”. Ou, se quisermos tomar a questão mais amplamente, temos no *Anticristo*, no prólogo, o “nós, que não somos jesuítas, nem democratas”.

Viesenteiner³⁸ chamou a atenção para a especificidade desse funcionamento do nós em Nietzsche:

O próprio título do livro V d’*A gaia ciência* se chama “nós, os destemidos”. Não se trata de um livro para todos, mas para aqueles que pertencem ao seletivo grupo do “nós”. Especialmente no livro V, Nietzsche se refere frequentemente a esse “nós”: “nós, os destemidos”, “nós, artistas”, “nossa interrogação”, “nós, os incompreensíveis”, “Porque não somos idealistas”, “Nosso novo ‘infinito’”, “nossos tempos lentos”, “nós, os sem nome”, “nós, os sem pátria”, etc.³⁹

A particularidade desse “nós nietzscheano”, ou seja, a possibilidade de pensar que Nietzsche, em certos casos, ao dizer *nós*, se foraclui, nos encaminha para a configuração enunciativa de seu alocutário.

³⁶ A expressão é de VIESENTEINER, Jorge L. em “O projeto crítico de inversão da compreensibilidade em Nietzsche”.

³⁷ Quem nos indicou esse caminho de análise foi o Prof. Eduardo Guimarães, a partir de uma análise do enunciado *Somos todos filhos de Deus*.

³⁸ VIESENTEINER, Jorge L., “O projeto crítico de inversão da compreensibilidade em Nietzsche”.

³⁹ Foi esta passagem de VIESENTEINER (2012) que nos inspirou a nomear o funcionamento desse nós que descrevemos como *nós seletivo*.

IV

Compreender a construção do Alocutário é parte fundamental para compreender aspectos importantes da filosofia nietzscheana, considerando que a construção do Alocutário é parte integrante do modo de argumentar⁴⁰. Em certos momentos, subtitulou seus livros justamente a partir das figuras da alocação. Em *Humano, demasiado humano*, temos *um livro para espíritos livres*; em *Zaratustra*, temos *um livro para todos e para ninguém*; em *O caso Wagner*, temos *um problema para músicos*. *Espíritos livres, todos, ninguém, músicos* são essas figuras do alocutário, a quem são *destinados* os livros, e que, ao mesmo tempo incluindo, excluem, excluem para incluir, incluem por completo mas também excluem por completo, foracluem⁴¹. Entretanto, antes de se destinar a outro, antes de construir o outro, de escolhê-lo, Nietzsche se constrói a si como alocutário: é a si mesmo, em primeira instância, que se destinam seus escritos.

O prólogo de *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres*, começa (§ 1) com um discurso relatado:

Já me disseram com frequência, e sempre com enorme surpresa, que uma coisa une e distingue todos os meus livros, do *Nascimento da tragédia* ao recém-publicado *Prelúdio a uma filosofia do futuro*: todos eles contêm, assim afirmaram, laços e redes para pássaros incautos, e quase um incitamento, constante e nem sempre notado, à inversão das valorações habituais e dos hábitos valorizados.

Eles me disseram, eles afirmaram, marcas da terceira pessoa. Um pouco mais à frente, ainda no aforismo 1, continua: “Supondo, porém, que tudo isso [que disseram] fosse verdadeiro e a mim censurado com razão, que sabem vocês disso, que *podem* vocês saber disso, da astúcia de autoconservação, da racionalidade e superior proteção que existe em tal engano de si (...)”. Irrompe então a figura do alocutário, e assim a terceira pessoa do começo é transmutada em segunda pessoa, àqueles a quem o enunciado se dirige. Diante da constatação de que *vocês* – o eles que me disseram, o nós que somos os que lemos – não sabem disso que Nietzsche fala, que nem podem saber, por não compartilhar as mesmas experiências, no aforismo 2 ele passa a narrar a invenção do alocutário-espíritos livres, a quem é dirigido todo o livro:

Foi assim que há tempos, quando necessitei, *inventei* para mim os “espíritos livres”, aos quais é dedicado este livro melancólico-brioso que tem o título de

⁴⁰ GUIMARÃES, Eduardo, *Texto e Argumentação*.

⁴¹ Foraclusão é uma palavra que advém da psicanálise freudiana. Tomo-a livremente, por ser tratar de uma palavra bastante boa do ponto de vista heurístico.

Humano, demasiado humano: não existem esses “espíritos livres”, nunca existiram – mas naquele tempo, como disse, eu precisava deles como companhia, para manter a alma alegre em meio a muitos males (doença, solidão, exílio, acedia, inatividade): como valentes confrades fantasmas, com os quais proseamos e rimos, quando disso temos vontade, e que mandamos para o inferno, quando se tornam entediantes – uma compensação para os amigos que faltam.

Nietzsche nomeia de maneira explícita seu alocutário, *espíritos livres*, *valentes confrades fantasmas*, *amigos*, mas predica-os pela inexistência: dá nome a algo que não existe, que nunca existiu.

Esse processo dá a ver duas questões importantes: a primeira é que, como retomamos de Guimarães no início do texto, a relação entre a linguagem e o mundo não se dá termo a termo, ou seja, estamos diante do “fato semântico de que as coisas são referidas enquanto significadas e não enquanto simplesmente existentes”⁴². A segunda, que toca a filosofia nietzscheana propriamente e se relaciona à questão de um *nós seletivo*⁴³ em Nietzsche, é que os *espíritos livres* não se confundem com o *eles* do começo de *Humano demasiado humano*, então quando aparece o *nós proseamos e rimos*, estamos diante de um eu mais aqueles que ainda não existem e que inventei pelo nome de *espíritos livres*.

A construção da referência de *espíritos livres* vai particularizando um conjunto de pessoas que “um dia poderão existir” (§ 2), mas que, de alguma maneira, Nietzsche já vê “que aparecem, gradual e lentamente”. Particularização esta que encontra seu ápice quando, ao sentido de *ter criado os espíritos livres*, Nietzsche *os vê nascer*: “e talvez eu contribua para apressar sua vinda, se descrever de antemão sob que fados os vejo nascer, por quais caminhos aparecer”. Criação e nascimento, o vir a ser dos amigos nietzscheanos, de seus *bravos companheiros e fantasmas*, é possível, em primeira instância, porque Nietzsche descreve *os fados desse nascimento*, as circunstâncias, os caminhos. É nesse sentido que podemos entender que *para criar novas coisas, devemos criar novas palavras*. Para um *novo canto*, faz-se necessária uma nova lira.

No que tange ainda à construção do alocutário, é interessante ter em vista que Nietzsche “não quer leitores que tenham vivências semelhantes às suas, mas ouvidos aparentados aos seus (...). Os aparentados pelo ouvido são os leitores que preferem “*intuir*”, ao invés de “*deduzir*”; e que são atraídos “com flautas” e não com “fórmulas”⁴⁴. Assim, os

⁴² GUIMARÃES, Eduardo, *Semântica do Acontecimento*, p. 10.

⁴³ Conforme afirmamos, o termo *nós seletivo* foi retirado de Viesenteiner (“O projeto crítico de inversão da compreensibilidade em Nietzsche”). Atribuímos à expressão uma conceituação semântica, que não é reivindicada pelo autor.

⁴⁴ VIESENTEINER, Jorge L., “O projeto crítico de inversão da compreensibilidade em Nietzsche”, p. 207.

poucos que, segundo a percepção de Nietzsche, começavam a despontar na Europa, continuam *pouquíssimos* em *O anticristo*: “este livro é para pouquíssimos. E talvez eles ainda não vivam. Seriam aqueles que compreendem meu Zaratustra: como poderia eu me confundir com aqueles para os quais há ouvidos agora? – Apenas o depois de amanhã é meu. Alguns nascem póstumos”. Aparentar-se pelo ouvido é de alguma maneira permitir que se crie uma semelhança que se constitui não pela imitação, mas pela maneira como a experiência é transmutada individualmente.

V

Dessas considerações sobre o funcionamento polifônico da prosa nietzscheana, podemos tirar um certo número de conclusões.

É importante notar que a polifonia é o modo de funcionar da enunciação. Não é algo que está somente em Nietzsche. Condição para enunciar, é o modo como a polifonia se configura e suas particularidades que faz com que uns sentidos sejam produzidos e não outros.

As especificidades da polifonia em Nietzsche nos levam a dizer que, enquanto Locutor, ele assume para si a responsabilidade do dizer de modo bastante específico, pois sua prerrogativa é *sobretudo não me confundam* – “(...) no caso de Nietzsche, obra e autor permanecem em comutação permanente, a tal ponto que ele pode interpretar a si mesmo e à própria obra como “transvaloração de todos os valores”⁴⁵. Dessa maneira, enquanto Locutor, enquanto aquele que se representa como origem da enunciação, ele se significa não apenas como origem, mas também pela *originalidade*, no sentido de que ninguém mais poderia se responsabilizar pelo discurso nietzscheano. Dessa maneira, “só Friedrich Nietzsche – *Ecce Homo* – poderia ser o sujeito dessa filosofia, pois imitá-lo, mesmo automática e mecanicamente, seria produzir uma caricatura, ou uma mera cópia, sem qualquer autêntico conteúdo; portanto, alcançar o contrário do que se pretende”⁴⁶.

Além disso, o modo como o locutor-x (lugar social) afeta o Locutor (responsável pela enunciação) é constitutivamente polissêmico. Ora psicólogo, ora médico, ora bailarino, ainda filósofo, filólogo, fisiólogo, mas, por ser tudo isso ao mesmo tempo, apenas Nietzsche pode dizer *eu, Nietzsche* – esse *eu* reunitivo⁴⁷. Eis aqui o homem.

⁴⁵ GIACOIA, Oswaldo Jr., *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*, p. 259.

⁴⁶ Id., p. 260.

⁴⁷ É interessante notar que, a respeito da psicose, tanto a psiquiatria quanto a psicologia e a psicanálise entendem que o psicótico apresenta um eu esfacelado. Diante disso, o psicótico teria muitas faces. A verdade da psicose é que o que aparenta esfacelado aos neuróticos é na verdade um eu que integra as vozes que dizem *você* e *ela/ele*.

Os enunciadores – universal, genérico, coletivo e individual, ou seja, a perspectiva na qual Locutor e locutor-x se transfiguram para enunciar – funcionam como *máscaras*, aquilo que Giacoia Jr⁴⁸ chama de *personagens*: “(...) Nietzsche recorre a um sugestivo paralelo entre os personagens do viajante e do filósofo com dotes de psicólogo nato. Traço comum aos dois personagens é que ambos simbolizam a errância, a transitividade, o estar sempre a caminho (*Wanderung*), a curiosidade, o périplo por novas e desconhecidas paragens. O filo-psicólogo: aquele que transita pelos recônditos labirínticos da alma humana”.

A partir disso, há um funcionamento bastante particular do *nós*, pois em vários momentos estamos diante de um *nós seletivo*, que foraclui todos aqueles que não têm *ouvido* para o *novo canto* de Zaratustra, para a *nova linguagem* de Nietzsche. Quando diz *nós*, então, Nietzsche diz não necessariamente vocês que me leem e aqueles dos quais falo. Trata-se de um *nós* que Nietzsche seleciona para poder dizer *nós*, ou seja, para que alguém possa colocar o próprio nome ao lado do nome de Nietzsche.

Nesse contexto, o lugar social do alocutário nietzscheano depende de sua *nobreza*, de seu *bom gosto*, do *ouvido* para a *filosofia do futuro*. Aqui, “nobreza é sinal de distinção”⁴⁹, pois “um pendor que *distingue* – é um nobre pendor – igualmente também é um pendor que *separa*”⁵⁰.

Tomar a si como objeto, significar essa origem do dizer polissemicamente ocupando diversos lugares sociais, para, então, transmutar o modo como se pode falar a partir de perspectivas – individuais, coletivas, genéricas, universais – é uma das condições que possibilitam a filosofia tal como pretendida por Nietzsche, a *filosofia do futuro*. Isso porque se segundo Nietzsche estamos todos *presos nas teias da gramática*, é ainda por meio da força plástica da linguagem que seremos capazes de um novo pensar e sentir, construindo novas coisas por meio de novas palavras. A polifonia, as muitas vozes que falam quando falamos, dá a ver, justamente, que *a linguagem é apenas excesso*⁵¹.

Na psicose, tudo precisa fazer sentido imediato, e isso permite uma memória ou a projeção de uma futuridade como visão e premonição. Definitivamente, é quando diz *eu* que o psicótico se reúne, ao passo que as vozes dizem *ele* e *ocê*. Este eu, você e ele, entretanto, para os neuróticos, são todos ficcionais. Tudo uma grande mentira – essas coisas mais bem caluniadas.

⁴⁸ GIACOIA, Oswaldo Jr., *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*, p. 181.

⁴⁹ VIESENTEINER, Jorge L., “O projeto crítico de inversão da compreensibilidade em Nietzsche”, p. 207.

⁵⁰ KSA 5.226, *Além de bem e mal*, Apud VIESENTEINER, Jorge L., “O projeto crítico de inversão da compreensibilidade em Nietzsche”, p. 207.

⁵¹ ORLANDI, *As formas do silêncio*.

Referências

- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005a.
- _____. *Texto e enunciação*. Revista Organon, UFRGS. 1995.
- _____. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005b.
- _____. [1987] *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- GIACOIA Jr., Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. [1878, 1886] *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. [1881, 1887] *Aurora*. Companhia das Letras: São Paulo, 2004.
- _____. [1886] *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. [1882, 1887] *A Gaia Ciência. Um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. [1990] *Terra à vista: discurso do confronto - velho e novo mundo*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- _____. [1999] *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica e afirmação do óbvio*. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.
- VIESENTEINER, Jorge L., “O projeto crítico de inversão da compreensibilidade em Nietzsche”. In: AZEREDO, Vânia Dutra de; SILVA JUNIOR, Ivo da. [org.] *Nietzsche e a interpretação*. Curitiba: CRV, 2012.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. “A arte de cair fora. O lugar do terceiro na enunciação”. In: *Revista ECOS. Variantes lingüísticas Literaturas regionais*, ed. n. 02, julho 2004, p. 61-69.